

NOTÍCIAS

"O FIM DA BIOLOGIA SOVIÉTICA"

Sob o título acima, o conhecido jornal "O Estado de São Paulo" publicou em 6 de maio de 1956, portanto há quase vinte anos, um artigo de autoria do Prof. Flávio Pereira, que ainda permanece bastante atual, principalmente por mostrar a que conseqüências pode levar o dogmatismo na Ciência.

A Folha Criacionista tem a satisfação de transcrever a seguir o citado artigo.

Acaba de descer o pano sobre um dos episódios mais dramáticos da História Universal da Ciência: Trofim Denisovich Lysenko foi destituído da Presidência da Academia de Ciências Agrícolas da União Soviética. O ex-ditador da Genética russa, que expedira decretos e proclamara dogmas em matéria de Biologia, nestes últimos quinze anos, com isso deslustrando a excelente tradição russa de grandes homens de ciência, vem de retirar-se melancolicamente da vida pública a fim de concentrar-se apenas em seus "trabalhos científicos".

Não posso deixar de aproveitar a oportunidade para extrair do triste episódio algumas lições que vivamente recomendo aos nossos intelectuais, muitos deles demasiadamente pressurosos em extrapolar para a Ciência suas atitudes políticas e filosóficas. Por ter tratado de Lysenko neste mesmo jornal, há um ano atrás - quando a estrela do russo já denotava sinais de extinção próxima - e por ter a responsabilidade de uma cadeira de Genética em instituto freqüentado por alguns jovens discípulos simpatizantes do Marxismo e das grandezas soviéticas, acredito na oportunidade de relembrar as linhas mestras do caso ora encerrado.

Os fatos são estes. A história pública internacional de Lysenko começou quando em 1932 o ilustre geneticista Vavilov, mundialmente conhecido como uma das maiores autoridades em Genética, anunciou durante o 6º Congresso Internacional de Genética, reunido nos Estados Unidos, que Trofim Lysenko, de Odessa, tinha há pouco descoberto o chamado processo da "vernalização". Trata-se do método de refrigerar grãos de trigo da variedade que se planta no outono e que só floresce uma vez passado o inverno, de maneira a obter frutificação quando os grãos são plantados na primavera. (O abaixamento da temperatura em geladeira substitui o mesmo efeito natural existente sobre as sementes plantadas no outono).

Essa vernalização permitiu aumentar a produção tritícola soviética, sendo essa a prima ratio do futuro prestígio desmedido do seu autor. Mas Lysenko não se contentou com a sua descoberta - que, a julgar por alguns historiadores da Biologia norte-americana já era conhecida nos Estados Unidos antes mesmo da Guerra da Secessão. Lysenko, homem de meia-cultura e muita ambição, interpretou michurianamente, isto é, lamarckianamente os resultados de sua técnica, proclamando que a refrigeração modificava a hereditariedade do trigo de inverno, transformando-o em trigo da primavera.

Lysenko chegou a anunciar curiosas "verdades". O genótipo, diz ele, não é estável, como proclama a Genética. Segundo ele, a grande falácia dos biólogos "reacionários" é a suposição de que os cromossomas são perenes, constantes na forma, composição e número. (Essa constância, note-se bem, é muito relativa e não absoluta, porque são conhecidos processos que podem alterar essas características, mas não no sentido lysenkiano). Em vez da Teoria Cromossômica, que cada vez ganha mais profundidade

filosófica na Ciência Biológica moderna, Lysenko propõe a Teoria da Xenogênese: diz esta que, no corpo de um organismo pertencente a uma espécie A, podem formar-se embriões correspondentes a organismos de outra espécie B. Tal como se dissesse que de uma gata, de repente, nascessem leõezinhos, ou de ovos das galinhas, urubuzinhos ...

Lysenko não recorre ao reino animal a fim de ilustrar a sua Xenogênese. Acredita que mais tarde, com o progresso das coisas, isso será fatal. Diz, porém, que aparecem grãos isolados de trigo variedade "mole" em espigas de trigo variedade "dura". Destarte, o trigo daria origem a aveia, e esta a centeio. A misteriosa e absurda Xenogênese não se produz por simples transformação da coisa antiga em coisa nova: não é que sementes de aveia inopinadamente se modifiquem totalmente "virando" sementes de centeio. Não. O processo é diferente, diz Lysenko: aparecem no seio do organismo A, partículas (?) da espécie B, a partir da substância desprovida de estrutura celular. Xenogênese não é o mesmo que somação hereditária do tipo lamarquiano, ou mutação do tipo morganiano. Trata-se de fenômeno inteiramente novo para a Ciência. Comparando com outra disciplina, teria como equivalente físico-anatômico uma teoria que afirmasse, para cada estrela do universo, um sistema particular de elementos químicos ...

Os ensinamentos de Lysenko fariam, pois, ruir fragorosamente a Teoria Cromossômica já alicerçada, como disse, num esplêndido passado de magníficas experimentações totalmente ignoradas de Lysenko.

Lysenko não conhece as Leis de Mendel, cujo rigor lógico é comparável ao das leis termodinâmicas, especialmente quando ambos os campos científicos, Genética e Física, são encarados sob prisma epistemológico. Nem tomava conhecimento do que se estava fazendo em matéria de alta Genética nos laboratórios de sua própria pátria, antes de 1940, data do grande expurgo contra a nata dos biólogos contrários às suas fanáticas teorias.

As idéias de Lysenko ecoaram em outros setores da excelente árvore que é a Ciência na Rússia. Mas deram frutos insossos senão nati-murchos ... Vejamos.

A Sra. Olga Lepechinskaia, inspirada provavelmente por Lysenko, pôs em ruína toda a Teoria Celular de Schleider-Schwan. Essa dama afirma que "células podem constituir-se a partir de esférulas vitelinas ou a partir de granulações minúsculas postas em liberdade pela decomposição de outras células". Dona Olga diz que verificou a formação de novo de células nucleadas na gema do ovo posta em cultura; que as granulações produzidas pela desagregação dos mastócitos dão origem a linfócitos e tomam parte ativa na néo-formação de tecido conjuntivo no processo de cicatrização das feridas; que no suco da planta aloés nascem células a partir de minúsculos cristais que se formam por adição de ácido nucléico; e que a matéria viva contém ácidos nucléicos no estado difuso ou disperso, e que destes ácidos podem nascer células, e por maior razão, vírus.

Por outras palavras: a Sra. Olga Lepechinskaia restaura sob novas roupagens, a velha Teoria da Geração Espontânea, já abandonada de há muito pela ciência devido às evidências em contrário.

O professor Dobzhanski mostrou já há alguns anos todos os pontos fracos e absurdos da Teoria daquela senhora. Não obstante, publicações em língua latina apresentaram as idéias desta como a última palavra em matéria de Biologia. E os nossos intelectuais comunistas fizeram côro com elas.

Outro acadêmico russo, por nome Lebedev, foi mais longe, propondo teorias

curiosíssimas. Para ele, ocorre normalmente nos seres vivos o fenômeno da Fecundação Polispérmica, que contraria tudo o que se tem afirmado e confirmado a respeito da fertilização. Alega-se, na atual literatura biológica russa, que:

- a) entre as aves e os coelhos, um grande número de espermatozoides penetram na célula sexual feminina não só no momento mesmo da fecundação, mas ainda depois que se iniciaram as divisões ou clivagens do ovo;
- b) a rapidez da divisão do ovo depende em grande parte do número de espermatozoides que tomaram parte na fecundação, e a prova disso, por eles alegada, é que, aumentando a dose de líquido espermático, consegue-se acelerar, no coelho, o ritmo das primeiras divisões celulares;
- c) um duplo coito, tanto nos porcos como nas galinhas, faz elevar a fecundidade das fêmeas, a velocidade de crescimento e a vitalidade da descendência. A respeito disso, Lebedev diz que, cruzando sucessivamente uma galinha de raça A com dois machos das raças B e C, os filhos não evidenciam a dupla fecundação, e sim os netos, nos quais reaparecem caracteres do segundo galo, o da raça C. Isto é, dois machos podem participar da constituição do patrimônio hereditário de um animal qualquer sem modificação do número cromossômico específico. Isso é uma nova variação da velha e obsoleta Telegonia, que um criador de animais, o inglês Lord Morton, em apressada e incompleta prova experimental, entendeu ter demonstrado ad aeternitatem!

Ninguém melhor do que o biólogo francês Jean Rostand soube traduzir o pensamento dos cientistas a respeito das novidades da "Biologia" soviética. Não faz muito, Rostand resumiu-as para a "Révue Generale des Sciences", que eu comentei na competente secção da revista "Anhemi" (número 45, agosto de 1954). E disse Rostand: "Afora a inverosimilhança daqueles fatos, é mister dizer que a maneira pela qual são eles publicados e discutidos - em tom afirmativo, agressivo, polêmico, com intensa verborrêia marxista e freqüentes referências a Engels, Marx, Lenin e Stalin, não contribui em nada para aumentar a nossa confiança na sua veracidade".

OS DIAS CRUCIAIS DE DARWIN

A revista SCIENCE de 11 de outubro de 1974, vol. 186, nº 4159, publicada pela "American Association for the Advancement of Science", apresentou um resumo crítico do livro "Darwin on Man", de Howard E. Gruber, com o título desta notícia, elaborado por George Gaylord Simpson, do Departamento de Geociências da Universidade do Arizona, U.S.A.

A Folha Criacionista julgou interessante publicar a tradução desse resumo, para que seus leitores pudessem conhecer certos aspectos não muito divulgados da vida de Charles Darwin.

Transcreve-se a seguir o resumo crítico mencionado:

"Darwin on Man" (Darwin, com relação ao Homem) - Um estudo psicológico sobre a criatividade científica. Howard E. Gruber. Juntamente com as primeiras e inéditas anotações de Darwin, transcritas e comentadas por Paul H. Barret, Dutton, Nova York, 1974. XXVIII, 496 pp., illus. \$ 20.

Esta obra abrange dois livros numa só encadernação, como indica o seu duplo subtítulo. O título e o subtítulo parecem sugerir, em alguns aspectos, mais, e em outros,

menos do que os dois livros realmente contêm. No primeiro livro nenhum capítulo é dedicado exclusivamente, ou mesmo precisamente, ao assunto de Darwin com relação ao Homem, e somente um capítulo aborda principalmente a criatividade científica; contudo, nos doze capítulos, esses dois interessantes tópicos encontram-se extensivamente interrelacionados com os respectivos aspectos da vida de Darwin, especialmente nos seus anos formativos mais cruciais.

A vida de Darwin e o seu trabalho sobre a evolução (ele atuou também em outros campos) envolvem diversos problemas específicos para o historiador e o psicólogo. Gruber, que reúne ambas as qualificações, enfatiza quatro desses problemas, tratando-os com alguma profundidade, embora em extensões distintas. Quando e como tornou-se aquele estudante de teologia criacionista um naturalista evolucionista? Quando e como divisou e formulou ele a teoria da seleção natural? Por que se passaram cerca de vinte anos antes de ter ele publicado seus pontos de vista sobre a evolução em geral? Por que então mais de doze anos se passaram antes de ter ele publicado algo sobre a evolução do homem em particular?

Gruber mantém o ponto de vista, discutido como são todas as opiniões a respeito, contando com o apoio de fortes evidências de que Darwin permaneceu fundamentalista bíblico durante toda a viagem do *Beagle* (1831-36), tornando-se evolucionista somente cerca de seis meses após seu retorno. A possibilidade de tal mudança parece exigir algo ainda mais básico do que a própria viagem. Gruber descobre parte dessa base nos mestres de Darwin, que incluíam somente um evolucionista, o lamarquista Grant, se bem que também excelentes naturalistas criacionistas. Gruber ressalta, entretanto, o que designa, por "Weltanschauung" familiar, indicado por paralelismos entre as atitudes de Carlos e as do seu avô Erasmo Darwin. Os supostos paralelismos são bastante forçados. Erasmo morreu sete anos antes de Carlos nascer. Em sua juventude, Carlos leu com admiração algumas das poesias didáticas de seu avô, porém, como ele mesmo esclareceu mais tarde, sem convicção ou instrução. Há poucas evidências da suposta "Anschauung" nos membros da família com quem Carlos esteve de fato associado.

É bem conhecido que o próprio Carlos afirmou que sua convicção sobre a evolução – poder-se-ia chamá-la de descoberta ou conversão surgiu de suas observações no *Beagle*, e especialmente dos mamíferos fósseis da Argentina, e dos pássaros e tartarugas existentes nas ilhas Galápagos. Isso tem sido aceito geralmente, como também o aceita Gruber, não havendo motivo sério para se duvidar, ao se admitir que a mudança ocorreu ao fazer um retrospecto da viagem, e que os fósseis, pássaros e tartarugas foram meramente notáveis exemplos de um corpo imensamente maior de evidências que começaram a se acumular no decorrer das excursões de Darwin como um incipiente naturalista, nos anos anteriores à sua grande viagem.

O relato de Gruber, embora cubra também um intervalo de tempo maior, concentra-se especialmente no curto período de 1837 a 39, desde que Darwin se tornou um evolucionista, até a sua primeira formulação da seleção natural. Gruber ressalta que a primeira teoria da evolução proposta por Darwin, antes de ele pensar na seleção, diferia radicalmente dos seus últimos pontos de vista, e foi abandonada dentro de três meses ou menos. Ele censurou outros darwinistas por omitirem discutir esse fato, embora duas versões do relato manuscrito tenham de fato sido publicadas em 1960.

Gruber continua, então, e indica que, após ter abandonado aquela teoria (1837), Darwin continuou a tatear futilmente até setembro de 1838, quando leu Malthus e chegou à teoria da seleção natural. Gruber aceita o fato de ser então a seleção natural um conceito

amplamente aceito, e que a atitude criativa realmente lenta de Darwin consistiu em vislumbrar que ele podia explicar a alteração progressiva, não precisando limitar-se a somente o que hoje se chama de seleção estabilizadora.

Entendo que esse ponto de vista não coloca bem o problema, e não permite avaliar o grau e a espécie da criatividade envolvida. Anteriormente a Darwin, supunha-se que o conceito de seleção (raramente assim designado) explicasse por que a evolução não ocorre. A explicação de Darwin do porque a evolução de fato ocorre sob a direção da seleção natural foi uma grande contribuição a mais, e distinta da mera aplicação de um conceito idêntico a um contexto diferente. Acredito, ainda, que a seqüência completa dos acontecimentos até esse ponto pode ser esclarecida quando posta sob um prisma diferente. Não vai aqui uma crítica a Gruber, pois grande parte dessa interpretação distinta está implícita a às vezes explícita, em seu texto detalhado e erudito.

Darwin tornou-se evolucionista em 1837, ao meditar sobre os muitos fatos que então conhecia a respeito das espécies na natureza. Assim procedeu ele, creio, tomando a evolução como uma premissa comprovável, e posteriormente como uma hipótese, tirando deduções dessa premissa, e comparando-as com deduções da hipótese alternativa da criação especial. As deduções alternativas foram testadas pelos fatos da natureza, especialmente com relação à distribuição e à variação das espécies. Tornou-se então óbvio a Darwin, como ainda o é a qualquer pessoa informada, imparcial e racional, que os fatos concordam somente com a hipótese da evolução. O próximo passo foi a consideração das possíveis explicações causais e naturais da evolução. A primeira delas que ocorreu a Darwin (foi novamente uma hipótese) foi submetida a alguns testes dedutivos e quase que imediatamente descartada. Não mais teve influência sobre o pensamento de Darwin, e nunca apresentou interesse histórico, pois nada foi publicado a seu respeito, até que mais tarde conhecimentos posteriores tornaram-na meramente absurda. Continuou então Darwin procedendo à consideração de múltiplas hipóteses, até finalmente achar uma que se adaptava a todos os dados relativos a um importante aspecto da evolução - a seleção natural como um fator explicativo na evolução "progressional" (não necessariamente progressiva), e usualmente adaptativa. Gruber opõe-se à idéia de que múltiplas hipóteses conduzam a inovação científica, porém sua discussão sobre Darwin indica o método em ação. Tais hipóteses podem ser tanto sucessivas como simultâneas.

Embora isso também tenha sido questionado, Gruber conclui razoavelmente, com o próprio Darwin e com outras evidências, que o novo ponto de vista de Darwin, e os primórdios de sua teoria da seleção natural, datam de sua leitura de Malthus em setembro do 1838. Apesar disso, a teoria de Darwin não foi publicamente anunciada, em forma resumida, até 1º de julho de 1858, e em forma praticamente completa com a publicação de "A Origem das Espécies", até 24 de novembro de 1859. Gruber apresenta como razão para essa longa demora o temor da não ortodoxia, e da conseqüente perseguição, talvez não de forma tão severa quanto a sofrida por Giordano Bruno ou mesmo por Galileu (ambos são mencionados a esse respeito), porém ainda sob uma forma genuinamente temida por Darwin, como evidenciada em um sonho ao qual Gruber repetidamente se refere, o qual escassamente permite (porém fortemente parece exigir) tão extrema interpretação. Como outra causa de demora, Gruber aponta o sentimento de Darwin de que sua teoria estaria incompleta a menos que pudesse explicar a origem e a transmissão das variações adaptativas. Sob o ponto de vista de Gruber, esse assunto foi considerado como sendo a mudança de um problema que requer solução para completar a teoria, para uma premissa daquela teoria. Porém no que diz respeito à sua adoção, essa atitude foi tomada em 1839, no mais tardar, e dificilmente poderia relacionar-se diretamente com os vinte anos seguintes de demora.

Não há dúvida de que Darwin se preocupasse com a oposição, porém creio que essa preocupação é exagerada ao ser apresentada como medo de perseguição. O seu maior intento era convencer a maioria dos seus pares cientistas. E convenceu-os com sua publicação em 1859, sendo quase certo que teria falhado, como supunha, se a tivesse publicado em 1839. A sua teoria em 1838-1839, então reduzida a termos de hereditariedade, variação e superfecundidade, e nestes termos apresentada por Gruber, era realmente simplista e mesmo ingênua em comparação com a elaboração e sofisticação de "A Origem". O progresso que houve deveu-se principalmente ao intenso e produtivo trabalho dos anos seguintes, mesmo que não aparentasse plenamente relação direta com a teoria evolucionista. Além disso, em 1838-1839, Darwin não tinha realmente evitado o problema da origem e herança da variação adaptativa. Ele ainda confiava grandemente na herança dos caracteres adquiridos, uma hipótese falsa que jamais rejeitou completamente, mas na qual confiava menos nos anos posteriores.

Darwin foi um escritor infatigável, produzindo não só um grande número de artigos, monografias e livros publicados, mas também milhares de anotações e milhares de cartas inéditas durante sua vida. Muitas foram publicadas posteriormente, espalhadas amplamente em diferentes revistas e livros, contudo muitas permanecem ainda inéditas. O segundo livro do presente trabalho contém menos do que é sugerido pelo subtítulo "primeiras e inéditas anotações de Darwin", porém inclui dois cadernos de anotações anteriormente inéditos, dos anos 1838-1839. São aqui designados "Anotações sobre o homem, a mente, e o materialismo", se bem que Darwin intitulasse o primeiro "Metafísica sobre a moral e a especulação sobre a expressão", e o segundo "Metafísica e expressão". Apesar de serem breves, da maneira própria de Darwin, apresentavam algum material para livros futuros, espalhando-se especialmente pelo "A Origem das Espécies" (1859), "A Descendência do Homem" (1871) e "A Expressão e as Emoções no Homem e nos Animais" (1872). São aqui bem anotadas por Barrett, com comentários de Gruber, constituindo útil e erudito material adicional para o estudo das primeiras idéias de Darwin. Há também uma coleção de notas esparsas, na maioria comentários isolados sobre artigos e livros lidos em, ou em torno de, 1837-1839, também bem anotados por Barrett. Outros assuntos do "Livro Dois" do trabalho em questão são miscelâneas, e relativamente sem importância, não necessitando ser listados ou comentados especialmente neste local. Alguns envolvem julgamento editorial questionável.

Não é possível concordar inteiramente com as interpretações de Gruber. Deve ser acrescentado que a aplicação dos estudos de Piaget sobre "a formação das estruturas intelectuais nas crianças" à criatividade intelectual adulta de Darwin, antecipada por Piaget num prefácio ao trabalho em questão, não foi levada a efeito no texto, prudentemente, pois não parece realmente ser de importância. Há inumeráveis outros pontos que poderiam ser discutidos com proveito, porém espera-se que este resumo crítico tenha indicado suficientemente o conteúdo do trabalho, e também o seu efeito estimulador sobre os interessados no assunto, que incluem quase todas as pessoas.

A Folha Criacionista deseja apenas chamar a atenção para a afirmação contida neste resumo crítico de que as deduções provenientes da hipótese alternativa da criação especial "foram testadas pelos fatos da natureza", tornando-se "óbvio a Darwin, como ainda o é a qualquer pessoa informada, imparcial e racional, que os fatos concordam somente com a hipótese da evolução".

É estranha esta afirmação, porque as informações científicas têm caráter dinâmico. Por exemplo, os conhecimentos a respeito de paleobiologia, genética, geologia,

estratigrafia, etc., ampliam-se dia a dia, fazendo com que "verdades" aceitas anteriormente tornem-se dúvidas, e dúvidas sejam esclarecidas, ocasionando o declínio e a queda de teorias e hipóteses até então consagradas. Como exemplo, a notícia da página seguinte, sobre a origem do *Homo sapiens*, é bastante ilustrativa.

Por outro lado, a imparcialidade de um pesquisador está muito limitada pela sua própria estrutura conceitual, conforme exposto no artigo de Arthur Jones publicado também neste número da Folha Criacionista.

Finalmente, na realidade, as pessoas informadas, imparciais e racionais, jamais assumiriam a posição dogmática de que os fatos concordam somente com a hipótese da evolução. De fato, as evidências trazidas à luz e discutidas por pesquisadores sérios, como, por exemplo, nos artigos publicados pela Folha Criacionista, são de molde a ressaltar a racionalidade do criacionismo em todas as áreas da Ciência.

A ORIGEM DO HOMO SAPIENS

A revista "*Nature and Resources*", publicada pela UNESCO, em seu volume V, número 4, de dezembro de 1969, apresenta interessante notícia sobre o Simpósio que se realizou sob os auspícios da UNESCO de 2 a 5 de setembro de 1969, para discutir as origens do *Homo sapiens*.

O objetivo do Simpósio foi chegar a um acordo sobre o que realmente se conhece e o que se desconhece, e tentar a reconciliação entre pontos às vezes divergentes quanto à paleontologia humana, pré-história e geologia quaternária.

Vários tópicos foram considerados no programa geral do Simpósio, dentre os quais o da evolução física do homem. Neste particular, foi posta a questão da evolução do *Homo sapiens*, a partir do Homem de Neanderthal, sendo feita a pergunta: "Se essa evolução ocorreu, realizou-se em um só centro ou em vários?"

Após ampla discussão, os participantes do Simpósio concordaram unanimemente com várias conclusões, dentre as quais se destaca a seguinte:

"Alguns fatos parecem agora ser aceitos como definitivos pelos antropólogos:

- (a) *que o clássico homem de Neanderthal europeu, do tipo achado em La Chapelle aux Saints, deve ser excluído da ancestralidade direta do homem moderno".*

Desta maneira desaparece mais um dos elos que pretensamente ligavam o *Homo sapiens* ao seu hipotético ancestral simiesco!

ANOTHER CREATIONISM PUBLICATION

Com o título acima, foi publicada uma notícia no número de junho de 1975 da *Creation Research Society Quarterly* referente à "*Folha Criacionista*", que vem transcrita a seguir.

ANOTHER CREATIONISM PUBLICATION

The editor recently saw the publication Folha Criacionista, published by the Sociedade Criacionista Brasileira, Caixa Postal 274, 13650, São Carlos-S.P., Brazil. The particular issue was Volume 3, Number 6, April 1974. It contained work by such well known authors to the Creation Research Society as William J. Tinkle and Edgar C. Powell. An Editorial mentions the distribution of literature not only in Brazil, but also in other parts of South America. It is good to see the work of creationism being taken up in so many parts of the world.

(Contributed by Harold Armstrong)

A Folha Criacionista deseja mais uma vez expressar seu agradecimento à *Creation Research Society* pela permissão dada para a tradução dos artigos apresentados em sua revista. Como nossos leitores já puderam perceber durante os três anos de atividades da Sociedade Criacionista Brasileira, em que foi publicada a Folha Criacionista com material predominantemente proveniente de traduções de artigos do *Creation Research Society Quarterly*, trata-se de literatura adequada para a divulgação do Criacionismo em nível elevado, cobrindo os mais variados campos da Ciência.

Os leitores da Folha Criacionista que desejarem tornar-se sócios da *Creation Research Society*, ou assinar a sua revista, poderão acessar o site: <http://www.creationresearch.org>. A declaração de princípios e a qualificação dos vários tipos de membros são também apresentadas no referido site.

O ABC DO EVOLUCIONISMO

Continuando a apresentação de dados relativos ao desenvolvimento da filosofia evolucionista, a Folha Criacionista apresenta agora a tradução de parte do capítulo do "Seventh-Day Adventist Bible Commentary" intitulado "A Criação Literal e a Ciência". Esta tradução é uma colaboração do Professor Gerson Pires de Araújo, Mestre em Educação, e membro da Sociedade Criacionista Brasileira. O trecho traduzido tem como título:

Examinando as "provas" da evolução orgânica

Volvamos nossa atenção agora aos setores de evidência de onde os evolucionistas tiram aquilo que chamam de melhores "provas" de que os organismos desenvolveram do simples ao complexo através de um processo evolutivo longamente demorado. Estas áreas são: variação, semelhança estrutural, estruturas vestigiais, bioquímica, distribuição geográfica e sucessão geológica.

O estudo do grau em que plantas e animais variam é sobremodo interessante. Geralmente, todos os organismos possuem capacidade de variação. Nossas plantas e animais domésticos têm sido grandemente explorados nesta capacidade, como no caso das muitas variedades de trigo e em mais de 200 raças de cachorros que são tão diferentes entre si como o pequinês e o cão de caça.

Existia, em 1700, apenas uma espécie de ervilha de cheiro, mas hoje existem mais

de 500 espécies ou variedades somente da espécie "Spencer". Os evolucionistas enchem grandes seções de seus livros com considerações a respeito desta variação, afirmando que é uma demonstração de evolução. Falham, porém, de modo estranho, em reconhecer o fato de que um simples aumento do número de raças dentro de um tipo básico não é evolução, pois evolução, conforme eles mesmos a definem, é o aparecimento de novos tipos básicos. Em todos estes casos, cachorros, por exemplo, são indiscutivelmente ainda cachorros, e ervilhas de cheiro inquestionavelmente são ainda ervilhas de cheiro. Quanto mais é levado a efeito este trabalho de produção de variedades, mais completamente os evolucionistas involuntariamente estão demonstrando a verdade da afirmativa do Gênesis de que cada tipo básico se reproduz de acordo com seu tipo (ou espécie segundo a linguagem bíblica). A evidência real aqui é contra a evolução.

Semelhança estrutural é um fenômeno que ocorre largamente na natureza. É ilustrada pelo fato de que a perna dianteira do cavalo, do porco, e do gato, a asa do pássaro, a barbatana da baleia e o braço do homem, todos contêm o úmero, o rádio e o cúbito. Para o evolucionista, isto é uma boa evidência de que estas formas descenderam de um ancestral comum e são, portanto, consangüíneos. Mas ele passa por alto a possibilidade válida de que esta semelhança existente entre certos grupos é uma indicação de que são todos obra de um Criador que formou os membros destes grupos de acordo com certos planos estruturais básicos. Tal plano deve ser certamente esperado onde está envolvido um autor onisciente.

A expressão "estruturas vestigiais" refere-se a partes da anatomia de um animal para as quais não há utilidade. Isto poderia ser ilustrado, no homem, pelo apêndice e por certos músculos da face que os evolucionistas declaram ser remanescências de músculos que foram bem desenvolvidos em nossos ancestrais, que os capacitavam a movimentar suas orelhas. A lista de "estruturas vestigiais" constitui interessante e desafiador campo de batalha. Alguns anos atrás era bem mais longa que hoje, e incluía órgãos tais como a tireóide, que, sabemos atualmente, é extremamente importante e vital em nosso corpo.

Para que um órgão seja verdadeiramente vestigial precisa antes provar-se sem função, ou no embrião ou no adulto. Quando este teste é aplicado, poucos órgãos permanecem na lista. Se estes órgãos restantes, porém, constituem prova para a evolução, como afirmam, é preciso provar sua capacidade de, quando funcionais, formar tipos de organismos diferentes. Realmente estas estruturas vestigiais não provam coisa alguma a favor da evolução, porque se cada uma de tais estruturas fosse desenvolvida completamente, iria simplesmente aumentar a complexidade e capacidade do organismo, uma situação que poderia indicar tanto adaptações criadas como mudanças evolutivas.

Outra "prova" apresentada pelos evolucionistas é a semelhança química do sangue, que ocorre em animais semelhantes em sua estrutura física. Para ilustrar, testes especiais revelam que o sangue de cobras e lagartixas é semelhante em certos constituintes químicos, como também isto é verdade entre o sangue do chimpanzé e do homem. Prova este fato, por exemplo, que o homem e o chimpanzé têm um ancestral comum? Deve ser lembrado que o homem e o chimpanzé comem quase os mesmos nutrientes básicos e têm muitas substâncias químicas idênticas em seus corpos, afirmativa que, de igual maneira, pode ser feita em relação ao homem e o boi, ou qualquer outro animal com coluna vertebral.

Todos os animais comem praticamente os mesmos nutrientes iguais, e seus protoplasmas são, de modo geral, muito semelhantes. A constituição específica e a estrutura de um animal é determinada pelas qualidades químicas dos seus genes. Quanto

mais semelhantes os genes ou unidades hereditárias de dois animais diferentes, mais semelhante sua anatomia. É óbvio ao estudante cuidadoso que esta situação seria a mesma tanto se os animais tivessem sido criados de acordo com suas espécies, quanto se tivessem evoluído. Por causa deste fato, a evidência bioquímica é passível de ser interpretada de, pelo menos, duas maneiras diferentes.

O evolucionista acumula grande porção de evidência provinda da distribuição geográfica, fato este que demonstra inquestionavelmente que enquanto indivíduos da maior parte das espécies de animais se espalharam sobre a Terra e ficaram isolados uns dos outros em vários lugares, espécimes destas áreas isoladas, através de processos naturais de alteração, vieram a diferir, de modo mais ou menos superficial, dos espécimes de outras áreas. Para ilustrar, a raposa vermelha na América do Norte é representada por nove grupos espalhados pelo continente, cada grupo estando isolado de qualquer outro, tendo sido dado um nome característico da espécie aos membros de cada grupo.

O evolucionista, com milhões de anos à sua disposição, crê que neste mosaico de distribuição de plantas e animais, tem evidência real de que os organismos estão se transformando em novos tipos básicos. A evidência real, entretanto apenas chega a provar que novas raças se desenvolveram; ao mesmo tempo, porém, esta evidência demonstra que tudo o que este isolamento e variação pode ocasionar, é fazer surgir simplesmente mais variedades de algum tipo básico já existente anteriormente.

Por exemplo, as nove espécies de raposas acima mencionadas são inquestionavelmente ainda legítimas raposas vermelhas do mesmo tipo básico das que antigamente atravessaram o estreito de Bering para a América. Ao evolucionista falta uma explanação científica sobre a origem destes tipos básicos, mas o relato da criação e do dilúvio com a resultante dispersão de todos os animais terrestres, das montanhas de Ararat, explana completamente a situação presente quanto à distribuição geográfica.

O evolucionista considera que a sua "evidência" mais clara de que as formas simples de vida se desenvolveram no sentido de formas complexas, provém do registro fóssil. Mas, ao estudar alguém este registro, fica pasmado em saber que a idade de qualquer estrato é estimada levando-se em conta os fósseis nele existentes, em vez de sua posição física em relação a outros estratos.

Se os fósseis são usados para determinar a idade das rochas, não podemos, em um círculo vicioso, usar as rochas para nos dizerem a idade dos fósseis. Até agora, nenhuma evidência real do desenvolvimento de formas simples para complexas foi encontrada nas rochas. Semelhantemente, as formas encontradas são artificialmente estruturadas em séries evolutivas juntando-se espécimes de áreas esparsas, entre as quais não se pode determinar cientificamente nenhuma seqüência de tempo.

A completa falta de formas intermediárias entre os fósseis torna-os tão inapropriados para demonstrar a evolução, quanto as formas vivas com a sua marcante descontinuidade. Este fato, aliado à artificialidade extrema em ajuntar dados geológicos, invalida completamente a evidência. Somente quem está vendido de alma e corpo ao evolucionismo pode conceber a evidência dos fósseis como sendo prova de desenvolvimento evolutivo. Tal indivíduo transpõe a brecha do grande abismo encontrado no registro fóssil por um ato de fé evolucionista. (Grifo do Tradutor).